



## Os desafios expressos na Pnad

**Síntese:** *Os resultados da Pnad 2007 sugerem que o país vem conseguindo obter melhora nos indicadores sociais. Fica evidente que os resultados de hoje são fruto de políticas e programas lançados ainda nos anos 90. Mesmo assim, o país continua convivendo com chagas como o alto analfabetismo e o trabalho infantil. Houve recuperação nas condições de trabalho e renda, mas ainda sem conseguir superar os anos imediatamente posteriores ao Plano Real. A Pnad mostra que é preciso voltar a semear boas políticas, e não apenas continuar a colher os benefícios herdados do passado. Neste sentido, a mudança demográfica em marcha é uma oportunidade que não pode ser desperdiçada.*

O IBGE acaba de publicar a versão 2007 da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), o mais completo retrato de como vivem os brasileiros. Os resultados, mais uma vez, mostram que há pelo menos uma década o país vem conquistando sucessivos avanços em seus indicadores sociais. Trata-se de uma evolução persistente cujo pontapé inicial foi a estabilização econômica decorrente do Plano Real e que tem seus alicerces na rede de proteção social montada no governo tucano.

A cada fotografia anual exibida pelo IBGE por meio da Pnad, também ficam patentes os muitos desafios ainda não superados pelo país. E estes dizem respeito, principalmente, à educação e à melhoria das condições de trabalho e renda. O crescimento econômico recente ainda não se reverteu em igual proporção em mais qualidade de vida para a população; a fatia apropriada pelos mais pobres e pelos assalariados ainda é pequena.

É desejável que o país concentre esforços para superar estes entraves. Até porque estamos diante de condições demográficas bastante favoráveis. Com a redução da taxa média de fecundidade e o aumento da expectativa de vida, também expressos na Pnad, o perfil da população brasileira está se alterando. Pelos próximos 20 anos será maior a proporção de pessoas em idade economicamente ativa em relação ao percentual de idosos e crianças. Com isso, cria-se uma “janela” propícia ao aumento da poupança, à geração de mais riqueza e, em consequência, à melhoria dos níveis de vida da população como um todo.

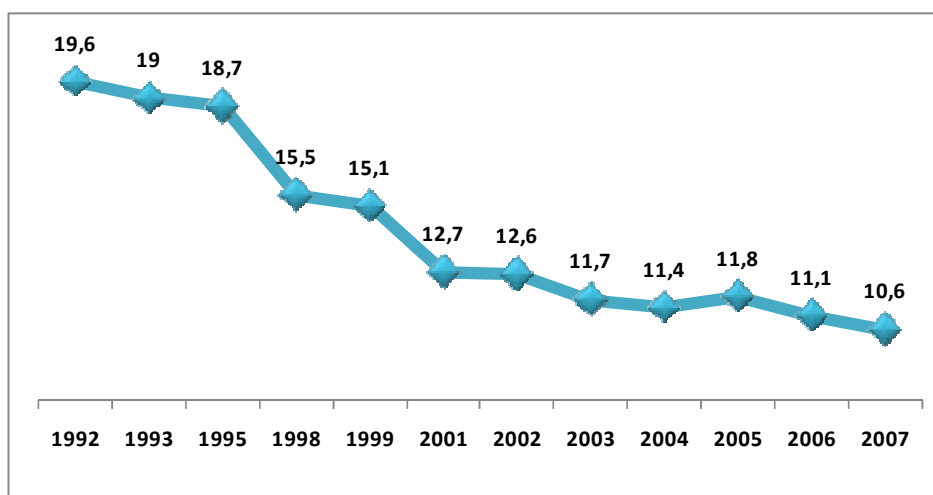
### **A lenta recuperação do mercado de trabalho**

No ano passado, a renda média dos trabalhadores cresceu 3,2%, ritmo bem menor que o dos anos anteriores: 4,5% em 2005 e 7,2% em 2006. Com isso, em valores nominais, o empregado brasileiro recebeu, em média, salário de R\$ 960 em 2007. O valor representa recuperação significativa em relação ao fundo do poço, tocado em 2004, mas ainda está distante do pico, escalado em 1996. Naquele ano, o indicador bateu em R\$ 1.023, ou seja, ainda 6,5% maior do que se recebe atualmente.

Da mesma forma, a taxa média de desemprego manteve-se elevada: 8,2% da nossa população economicamente ativa não conseguiu trabalho em 2007. É um ponto percentual menos que no início do governo Lula, mas 2,1 pontos acima da histórica marca registrada à época do Plano Real, a menor em épocas recentes. Isso significa que temos hoje 8,1 milhões de desocupados, número ainda mais desalentador quando se sabe que, todos os anos, um exército de mais de 2 milhões de jovens desembarca no mercado de trabalho à procura de emprego.

Mais dramática é a desproporcional apropriação da renda pelos diferentes estratos sociais. O topo da pirâmide, ou seja, os 10% mais bem pagos, abocanha 42% dos rendimentos nacionais. Já os 10% de menor salário ficam com mero 1,1%. Em razão disso, o Brasil mantém-se como uma das mais desiguais nações do mundo: mesmo com a melhora do índice de Gini (que serve para mostrar quão desigual é um país) ainda estamos longe da situação verificada em economias similares à nossa como a Rússia, a China e a Índia.

### **Evolução do trabalho infantil (em %)\***



\*Crianças e adolescentes de 5 a 17 anos ocupados em relação ao total de pessoas nesta faixa etária. Fonte: Pnad 2007

### **A chaga do analfabetismo**

O caminho para superar tal quadro parece claro: a melhoria da educação, como forma de permitir a incorporação de pessoas mais bem preparadas ao mercado de trabalho. O vigoroso programa voltado a colocar toda criança na escola – mote do Ministério da Educação à época do governo tucano – mostrou-se bem-sucedido. Hoje, 97,6% das crianças e jovens com idade entre 7 e 14 anos – faixa etária correspondente ao ensino fundamental – freqüentam as salas de aula. Infelizmente, quantidade não tem se traduzido em qualidade.

O país ainda convive com 14,1 milhões de pessoas que não sabem ler e escrever. Isso significa que um em cada dez brasileiros com mais de 15 anos de idade é analfabeto. Trata-se de uma chaga há muito superada por nações como Argentina, com taxa de 2,4%, e Uruguai, com 2% – mesmo países bem mais carentes, como a Costa Rica, têm índices muito menores do que o brasileiro. Isso coloca o Brasil apenas na 15ª posição entre todos os países da América Latina e Caribe neste quesito.

Mas há situações piores. Pouco mais de 8% dos alunos que freqüentam aulas do ensino fundamental simplesmente não sabem ler e escrever: são 2,1

milhões de crianças de 7 e 14 anos nessa situação. Além disso, um em cada quatro estudantes do fundamental está defasado em relação à idade prevista para a série que frequenta. Isso pode explicar por que, em avaliações internacionais, como o Pisa, o desempenho escolar médio dos brasileiros é bem pior do que o de nações mais desenvolvidas e fica abaixo até de economias de porte equivalente ao nosso.

### **Infância roubada**

Deficiência educacional sempre aparece associada a um indicador perverso: o trabalho infantil. Na Pnad 2007 não foi diferente. A pesquisa mostra que há 4,8 milhões de crianças e jovens de 5 a 17 anos trabalhando. Entre os que têm até 13 anos – que, pela lei, não poderiam trabalhar em hipótese alguma – 1,2 milhão já estão no mercado de trabalho.

O mais preocupante é constatar que o ritmo de queda do trabalho infantil, que foi vertiginoso até 2002, praticamente estagnou. Em 1995, 18,7% das crianças e adolescentes com até 17 anos trabalhavam. Graças a ações como o Peti (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), implantado na gestão Fernando Henrique, este indicador desceu a 12,6% em 2002. Desde então, a taxa vem decaindo lentamente, até chegar aos 10,6% verificados no ano passado.

A extensa pesquisa do IBGE ajuda a compreender que as melhorias já conquistadas e as muitas ainda a conquistar são fruto de processos, sucessivos e persistentes, de transformação e aperfeiçoamento das condições de vida do país. Nada se fez ou se fará de um dia para o outro. Nos últimos anos, o país tem podido colher os frutos de bem-sucedidas políticas de proteção social. Chegou a hora de também voltar a plantar, para garantir a continuidade dos avanços no futuro.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.  
Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#).  
Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

---

#### **INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA**

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília – DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: [itv@itv.org.br](mailto:itv@itv.org.br) . site: [www.itv.org.br](http://www.itv.org.br)